IMAGINÁRIOS PÓS-ANTROPOCÊNTRICOS: RECONFIGURAÇÕES DAS RELAÇÕES ENTRE ARTE, NATUREZA E TECNOLOGIA

POST-ANTHROPOCENTRIC IMAGINARIES: RECONFIGURATIONS OF THE RELATIONSHIP BETWEEN ART, NATURE AND TECHNOLOGY

Cesar Baio

RESUMO
As primeiras décadas do século XXI vêm transformando radicalmente paradigmas e práticas sociais que fundamentam a separação entre a técnica, o humano e a natureza. Nesta apresentação, esta reconfiguração é discutida no texto, partindo das relações entre os sistemas informacionais mais recentes, baseados em processamento de dados em massa e em inteligência artificial, os sistemas vivos que compõem o ecosistema planetário e os objetos simbólicos produzidos no campo da arte - em especial, das práticas artísticas experimentais que assumem a tecnologia e a ciência como mídia para seus procedimentos artísticos. O texto introduz questões que surgem neste contexto, assumidas como tema da pesquisa corrente do autor, e faz uma breve revisão de trabalhos artísticos que são referência na área, apontando para a produção experimental do autor relacionada ao tema.
PALAVRAS-CHAVE
Arte e tecnologia; Arte e antropoceno; Arte e capitaloceno; arte e natureza; arte e ciência; bioarte.

ABSTRACT
The text introduces the problem of the author's ongoing research. The first decades of the 21st century have been radically transforming cultural paradigms and practices that underlie the separation between technique, human and nature. The text discusses the object of current research, namely, the relationships between the most recent information systems, based on mass data processing and artificial intelligence, the living systems that make up the planetary ecosystem and the symbolic objects produced in the field of art. - in particular, the experimental artistic practices that use technology and science as media for their artistic procedures. The text presents the research and makes a brief review of artistic works that are a reference in the area, pointing to the author's experimental production related to the theme.
KEYWORDS
Art and technology; Art and anthropocene; Art and capitalocene; art and science; bioart.

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

Introdução

Esta comunicação introduz as principais questões do projeto de pesquisa teórico-prático *Estéticas pós-antropocêntricas: rumo a sistemas "bhiobridos",* que vem sendo realizado pelo autor, tomando como tema principal a reconfiguração das relações entre a humanidade, a técnica e a natureza para pensar a produção artística na atualidade. Da recente influência dos algoritmos inteligentes na campanha presidencial norte-americana ao o papel da internet nos levantes populares ao redor do mundo e nas eleições no Brasil, são inúmeras as situações que vêm ocorrendo nas últimas duas décadas no sistema de poder global que parecem desafiar os regimes de representação política, atribuição de valores financeiros e tomada de decisão governamental. A escala sobre-humana da computação global, do *big-data* e da capacidade processamento de dados dos algoritmos de inteligência artificial cria um cenário crítico para a emancipação e soberania do indivíduo em relação sua privacidade, suas decisões, seus dados e seus modos de existir.

Como resultado disso, nos últimos anos, temos observado mais de perto que este processo tem provocado profundas transformações nas formas de governo, na economia e no meio ambiente, uma vez que redesenha as dimensões físicas, simbólicas e informacionais da realidade. A tecnologia nunca foi tão dinâmica e decisiva para o indivíduo e a sociedade. Se esta escala da computação persuasiva está relacionada aos espaços e objetos imediatamente acessíveis no nosso cotidiano, a infraestrutura de comunicação em rede assume uma dimensão global, criando o que Benjamin H. Bratton (2016) concebeu como uma estrutura de empilhamento (*the stack*).

> *Planetary-scale computation both distorts and reforms modern jurisdiction and political geography and produces new forms of these in its own image. It perforates and transcends some borders while introducing and re-thickening others at new scales and in greater quantity.*
>
> (BRATTON, 2016, p. 5)

Para Bratton, os sucessos e insucessos do funcionamento das redes computação em escala global desafiam a estabilidade da arquitetura geopolítica forjada na modernidade que está baseada na divisão da terra em nações-estados como unidade indispensável de soberania. A proposta do autor visa desenhar um modelo de soberania que considera as fluxos de informação em escala global para pensar as novas formas de governo, poder e soberania, de modo a entrelaçar estas diferentes camadas de redes e dispositivos tecnológicos de oferecer um modelo de como podemos construir, habitar, comunicar entre e governar nossos mundos. Bratton

menciona a dificuldade de se regular as medidas necessárias para enfrentar as mudanças climáticas como uma das situações que demanda novos dispositivos soberania e governabilidade. No entanto, de uma perspectiva filosófica, as relações entre as redes globais de computação, os sistemas de poder e a natureza possui uma densidade que escapa à abordagem do autor.

De uma perspectiva histórica, a fundação do sujeito moderno por Kant consolida o projeto antropocentrista renascentista, o que pode ser compreendido pelos modelos de representação que surgiram neste período e na forma como tais modelos são incorporados nas máquinas de produção simbólicas atuais. Tal como antecipa a estrutura interna da *Máquina de perspectiva* (1525), inventada por Albrecht Dürer, o sujeito moderno é separado do mundo por uma mediação, enquanto o mundo torna-se seu objeto de observação. Derivada do termo em Latim *perspicere* - onde *per* (através) + *specere* (olhar para), a palavra "perspectiva" tem o significado original de "olhar através de", o que pressupõe a divisão entre sujeito, meio [enquadramento] e objeto. Este processo de distanciamento, que se materializa no discurso filosófico e na estética da arte, tanto transformou a natureza em objeto a ser manipulado quanto criou a demanda por instrumentos científicos (metodológicos) e técnicos (intervencionistas) de manipulação do mundo. A revolução científica do século XVII consolidou este modelo de mundo, como também, forjou a modernidade através da junção deste modo de conhecimento com o projeto de poder que conduziu ao capitalismo contemporâneo. Um processo que alcançou novas escalas com as chamadas revolução industrial (técno-científica) na segunda metade do século XVIII e informacional (técno-científica-informacional) na virada entre os séculos XX e XXI.

> A equivocadamente denominada revolução copernicana de Kant é, como se sabe, a origem oficial da concepção moderna de Homem (guardemos a forma masculina) como poder constituinte, legislador autônomo e soberano da natureza, único ente capaz de elevar-se para além da ordem fenomenal da causalidade que seu próprio entendimento condiciona: o "excepcionalismo humano" é um autêntico estado de exceção ontológico, fundado na separação autofundante entre Natureza e História.
>
> (DANOWSKI e VIVEIROS DE CASTRO, 2014: p. 43)

Para Viveiros de Castro e Danowski (2014), este processo de instauração do "excepcionalismo humano" por Kant e a fundação da modernidade projetou de si a

imagem prometida do Homem como conquistador da natureza através da técnica. Em busca de sair da situação de desamparo do animal originário diante da natureza, se volta contra ela como seu conquistador e passa a produzir formas mais apuradas de conhecer e alterar seu entorno. Este processo que teria levado à apropriação racional e à economização instrumental do mundo, da qual o homem torna-se ele mesmo instrumento à favor do funcionamento da máquina social de produção de modernidade. Para Viveiros de Castro e Danowski (2014), o antropocentrismo moderno é produzido pelo entendimento de uma existência humana transcendental anterior ao mundo, que "transforma o mundo" e que se tornou, segundo eles, uma "doença degenerativa" do Ser, muito bem expressa pelo relativismo e pelo niilismo.

Esta tomada de distância em relação ao mundo e o consequente posicionamento do ser humano à serviço da modernização do mundo podem ser compreendidos a partir do modelo explicado por Flusser em sua escalada da abstração (cf. FLUSSER, 2008). O filósofo afirma que este processo conduziu à objetificação tanto da técnica e da natureza quanto da própria existência humana. Para Flusser, o ser humano passa de sujeito a funcionário, assumindo um modo de existência no qual o humano, uma vez alienado da realidade e de si, torna-se parte de um aparelho supra-humano econômico, social e burocrático. Como o resultado mais radical do processo de reificação em curso, o funcionário perfeito é um objeto que funciona de acordo com os propósitos do aparelho sociotécnico. Para Flusser, trata-se de uma existência programada e sub-humana, que teria alcançado sua versão mais monstruosa em Auschwitz, numa extrapolação do que Hannah Arendt (2000)[i] concebeu como "o especialista".

Nestas primeiras duas décadas do século XXI, esta questão tem ganhado contornos cada vez mais claros com emergência contínua de crises diversas que encontram como seus denominadores comuns a separação essencial entre o sistema de poder (política e economia), a natureza e a tecnociência. A crise política de representação, que se reflete na extrema concentração de riqueza, nas guerras civis generalizadas , na crise de alimentos, e na crise de energia são resultados disso.

Para o historiador da geografia e do meio-ambiente Jason Moore, ainda que outros autores prefiram uma lista de categorias de crises extensa, a questão climática vai estar sempre presente na relação de desafios a serem enfrentados no século XXI. O cenário atual, no entanto, conduz a uma transformação do discurso sobre crise ambiental emergida nos anos 1970. Para Moore (2015), se naquela época as dimensões da natureza, da política e da tecnociência estavam muito bem separadas, o cenário atual de crises às amarra intrinsecamente. A partir de sua análise da economia política global, Moore afirma que a concepção moderna de mundo, que separa Natureza e

Sociedade, "é diretamente implicada na colossal violência, disparidade e opressão do mundo moderno; e a visão da Natureza como externa é uma condição fundamental para a acumulação de capital". (MOORE, 2015 p. 2). O autor propõe considerar o capitalismo como um mundo-ecologia, juntando de maneira dialética a acumulação de capital, a busca pelo poder e a co-produção de natureza. Ele entende que o capitalismo já é co-produzido por um conjunto de múltiplas espécies e forças geo-biológicas em suas relações e ciclos.

> Enquanto os desdobramentos do projeto de capital, imperialismo e ciência estão ocupados produzindo a Natureza com "N" maiúsculo - externa, controlável, redutível - a rede de vida está ocupada embaralhando condições biológicas e geológicas do processo do capitalismo.
>
> (MOORE, 2015, p.2-3)

Para ele, o conjuntos destas múltiplas crises não estaria relacionado a uma crise "do capitalismo e da natureza", mas de uma crise da "modernidade-na-natureza". A concepção de Moore reforça o entendimento de Capitaloceno (ou Chthuluceno) de Donna Haraway (2008), no qual as mudanças climáticas decorrentes da ação do homem no meio-ambiente global, conhecida como Antropoceno, estariam relacionadas com o capitalismo antecipado, ainda no período mercantil, que e resultou no violência colonial sobre humanos, plantas, animais e biomas. Desta perspectiva, o capitalismo passa a ser um sistema integrado de organização do meio ambiente pela tecnociência, envolvendo poder, capital e natureza. Como resultado final deste processo estaria a necessidade de reformulação emergencial das estruturas socioculturais construídas ao longo da modernidade na busca de escapar da condenação da espécie humana pelos instrumentos econômicos e políticos por ela mesmo elaborada ao longo dos últimos cinco séculos.

Os aparatos socioculturais estão imbuídos de valores, interesses e expectativas codificados na materialidade de seus processos e estéticas, como também, este processo de codificação é impossível de ser acessado de maneira integral devido à própria natureza opaca de sua "caixa-preta" (FLUSSER, 2008). Assim, conclui-se que o único modo de conhecer o que está codificado é procurar por padrões nas sensibilidades, corporeidades e formas de conhecimento que emergem de tais aparatos.

Este contexto marcado pelas crises ambiental e político-econômica aponta para a hipótese de a existência de padrões entrópicos profundamente codificados nos aparatos socioculturais ao longo da modernidade. Tais padrões estariam alicerçados nesta cisão entre o humano e o mundo, que instaura um abismo entre as existências

do humano, da natureza e da técnica (tecnociência). Estes padrões seriam uma forma de produção de entropia inserida no próprio sistema, fazendo com que o projeto moderno produza sua própria degeneração e nos obrigue a repensar as ocorrências destes padrões nos códigos internos dos aparatos sociotécnicos.

Estas questões tem perpassado o trabalho de pensadores contemporâneos, no que vem sendo chamado por alguns como "virada ontológica", que apresentam diferentes perspectivas de abordagem não antropocêntrica do contexto sociocultural. Este movimento trataria-se de uma reinvenção da metafísica em resposta às heranças do pensamento moderno na contemporaneidade. Neste grupo, encontram-se autores como Graham Harman (2016), Bruno Latour (1994), Steven Shaviro (2016) e Eduardo Viveiros de Castro (2015), entre outros. Apesar das muitas diferenças entre eles, estes autores compartilham uma visão não antropocêntrica e visam superar os paradigmas firmados por Kant. Trata-se de uma reinvenção de nossa existência em termos ontológicos, epistemológicos, éticos e políticos e requisitam uma representação estética.

Este movimento no terreno teórico-filosófico reposiciona radicalmente o modo de entender a natureza, a técnica, o conhecimento e os modos de existência humanos e não-humanos, desafiando a área de artes a se repensar em busca de criar um imaginário que responda a estas formas de existência pós-antropocêntricas. Neste contexto, torna-se urgente a demanda por poéticas e estéticas capazes de reimaginar as relações entre o ser humano, a técnica (tecnociência) e os sistemas vivos para além dos abismos criados pela modernidade.

O projeto de pesquisa e criação que vem sendo desenvolvido pelo autor busca identificar este desafio colocado ao campo da produção simbólica contemporânea e construir uma proposição para o entendimento destas questões no campo teórico e estético. Parte-se desta problemática para pensar o campo da arte, tendo especial interesse nas maneiras como a arte se vincula de modo interdisciplinar com a ciência e a tecnologia. Como esta perspectiva teórico-crítica não-antropocêntrica pode ser discutida teoricamente a partir da perspectiva da arte? De que modo as novas relações entre natureza, sociedade e técnica (tecnociência) têm informado a produção artística nestas primeiras duas décadas do século XXI? Como este cenário pode inspirar uma prática artística que explore modos de existência não antropocêntricos, orientados pelas conexões e hibridismos entre agentes humanos, não orgânicos, e orgânicos não humanos? Estas questões animam a pesquisa, uma vez que demandam respostas originais e apontam para a disrupção de certos códigos e práticas simbólicas sedimentadas ao longo da consolidação da produção simbólica de mídia e de arte ao longo da consolidação da modernidade.

Arte, natureza e tecnologia

Desde, pelo menos, a décadas de 1960 muitos artistas têm se dedicado intensivamente à poéticas relacionadas com a modernidade e a natureza. Esta relação de artistas e movimentos inclui gente como Robert Smithson, Francis Alÿs, Cristo, Richard Serra, Michael Heizer, Nancy Holt, e movimentos como Landart, Ecoart, Earth art, Sustainable art, em uma longa lista. Esta pesquisa reconhece a importância deste legado e assume estes trabalhos como parte genealógica do momento corrente. Tendo em vista a reconfiguração do discurso ambientalista em relação ao avanço do capitalismo informacional discutida acima, tal como apontada por Moore e Bratton, recorta-se aqui as práticas artísticas das últimas duas décadas. Mais especificamente, a pesquisa dará especial atenção a artistas interdisciplinares de mídia arte, que assumem a tecnologia e a ciência como mídia para sua produção.

Este último recorte se deve ao fato de a implicação da tecnologia e a ciência no contexto das mudanças climáticas e nas formas de poder ter se tornado mais evidente no contexto do Capitaloceno e das crises econômicas e políticas deste início de século. A potência da arte em discutir as questões relativas a este contexto pode ser ampliada quando o artista se lança também na experimentação com os meios implicados no problema.

O filósofo Erick Hörl (2014) afirma que a ideia de Antropoceno responde a uma radical exposição do problema ambiental, que agora está conectado com tecnologia e coloca a existência do Ser sob uma "condição tecnológica". Como resposta a este momento, ele defende que "*we need a radical artistic, philosophic and historic approach like this to oppose the recurring oblivion of environmentality in the form of pragmatist neoliberal concepts of ecology and a simple economization and institutionalizatio of ecology*". Para o filósofo, a experimentação radical com tecnologias daria lugar a um movimento neo-cibernético que seria o germe de uma prática ecológica geral.

No campo das obras que se dedicam a relacionar questões ambientais e as redes de captação e circulação de informação, nas últimas duas décadas, muitos trabalho têm investido em procedimentos de sonificação de organismos vivos e fenômenos naturais tais como a posição do sol e da lua (*The Place Where You Go to Listen*, de John Luther Adams), tempestades e furações (*Weather Works*, de Andrea Polli), dos movimentos tecntônicos (*Seismik*, de Herman Kolgen) e de alga e *mycelium* (*Mycelium music*, de Leslie Garcia). Estes trabalhos valem-se de operações de transdução que recodificam as diferentes fontes de energias naturais e biológicas em experiências estéticas que acabam por conectar sensorialmente espectador, artista e o fenômeno/ser implicado.

Estes processos tornam-se um tanto mais complexos quanto passam a conjugar elementos sonoros, visuais, verbais e táteis, juntamente com sistemas de interatividade que habilitam a participação da audiência. Um dos trabalhos que tem se destacada é o da artista Natalie Jeremijenko. A artista australiana radicada nos EUA tem desenvolvido projeto como *Mussel Choir* (2013) e *Amphibious Architecture* (2009) - realizado juntamente com *The Living* (David Benjamin e Soo-in Yang). Neles, ela cria *data-driven artworks* que revelam informações relativas à poluição das águas de rios e mares que circundam a cidade e convida as pessoas a interagir com as obras e, com isso, interferir qualitativamente no meio ambiente. Outro trabalho com uma abordagem semelhante da apropriação de dados é *Building Run* (2013), em que o artista Keith Deverell utiliza dados do consumo de energia elétrica de um conjunto de edifícios comerciais como *input* de um sistema que dirige em tempo real a edição de imagens em vídeo de sua instalação. O trabalho busca estimular o engajamento das pessoas que trabalham nestes edifícios na diminuição do consumo de energia.

Em sua instalação interativa *Drawing Water* (2011), David Wicks se apropria de dados de uso e de captação pluvial do Serviço de Informação Oceânica e Atmosférica (NOAA, sigla em inglês) dos EUA. A partir destas informações, ele cria um sistema de visualização da relação entre a quantidade de água que cai e que é consumida em uma cidade específica. As imagens geradas em padrões abstratos não representam topografias, rios ou redes de infraestrutura, mas são derivadas de dados reais e refletem o caminho da água de ponta-a-ponta.

Usando dados sobre a qualidade do ar coletados em um lugar específico em tempo real, os artistas Andrea Polli e Chuck Varga produziram *Particle Falls* (2010), que cria uma visualização das partículas de poluição em forma de uma cascata projetada na parte exterior de um prédio. O trabalho cria uma relação entre o fluxo de tráfico, a qualidade do ar e a saúde humana com pequenas mudanças no tamanho e cores na representação visual das partículas que são invisíveis no ar.

No Brasil, o trabalho do artista Guto Nobrega tem oferecido contribuições para pensar os processos de acoplamento entre seres biológicos e interfaces tecnológicas. Em trabalhos como *Breathing* (2008) e *Equilibrium* (2008), o artista cria o que concebe como "criaturas híbridas" feitas a partir da comunicação entre um organismo vivo e um sistema artificial. As criaturas respondem ao seu ambiente através de movimentos das pessoas, de luzes e de sons, estabelecendo uma existência autônoma. As pesquisas do artistas avançam na direção de pensar seres resultados de processos híbridos engendrados pela ação da natureza e do ser humano. Nesta mesma direção, segue o trabalho de Pinar Yoldas, *Ecosystem of Excess* (2014). A obra toma como ponto de partida o "Caminho de Lixo do Grande Pacífico", uma monumental trilha de

resíduos plásticos guiados pelas correntes marítimas que tem entre 700 mil e 15 milhões de quilómetros quadrados. Inspirada na descoberta científica de uma bactéria capaz de se alimentar de resíduos plásticos, a artista imagina formas de vida pós-humanas que poderiam ser geradas a partir de uma "ecologia do excesso".

Ainda em 1999, o Eduardo Kac apresentou a obra "Genesis", uma instalação interativa em que um trecho do Velho Testamento é transcrito para o DNA de uma bactéria. O texto se refere à passagem bíblica que marca o pensamento de dominação sobre a natureza na cultura cristã: "Deixe que o homem domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os seres vivos que se movem na terra" (Gênese 1, 28). Através da internet, as pessoas podiam contra a luz ultravioleta que favorece a mutação genética das bactérias, transformando o texto originalmente escrito. Após a exposição o gene foi traduzido de volta e publicado no site do artista.

Desdobramentos experimentais

Esta ação de colocar em questão postulados paradigmáticos que orientam a dominação humana sobre a natureza é parte também de *Culturas Degenerativas* (2017)[ii], criado pelo coletivo Cesar & LOIS (Cesar Baio e Lucy HG Solomon). O grupo cria uma instalação interativa baseada no que concebem como uma rede "*bhiobrida*", que integra a ação de inteligência artificial, micro-organismos inteligentes e redes sociais digitais. Na instalação, livros físicos que documentam o impulso humano de controlar a natureza são usados como substrato para uma cultura de fungos. O livro é literalmente comido pelos micro-organismos, destruindo fisicamente seu texto. A corrupção de dados é analisada por um sistema de visão computacional. As informações do processo biológico de deteriorização alimentam um algoritmos de-generativo baseado em *Natural Language Processing* criado pelos artistas. Este agente inteligente bio-digital procura em bases de dados on-line por outros textos com padrões predatórios similares. Assim, como o livro físico é consumido, este agente "*bhiobrido*" corrompe os arquivos digitais. Esta história da colonização da cultura humana por fungos é documentada através de publicações feitas no Twitter *@HelloFungus* e impressões de uma impressora *on-site*. Esta relação de cooperação entre organismos vivos, agentes digitais inteligentes e redes sociais digitais, atuando em favor de uma crítica irônica às heranças modernas no modo como entendemos a natureza é o ponto de partida para o projeto aqui apresentado.

Culturas Degenerativas é uma tentativa de pensar as complexidades atuais relações entre os sistemas sociais, técno-científico e natural a partir dessa cooperação metanarrativa que examina a própria história da separação destes sistemas na

modernidade. Tal como nos primeiros trabalhos aqui analisados, este breve exame da produção em arte e tecnociência relacionada com as questões ambientais demonstra que, ainda que possam ser encontradas práticas artísticas que se dediquem às questões relacionadas ao Capitaloceno, certas iniciativas ainda parecem operar a partir de uma lógica instrumental da tecnologia, operam a partir de paradigmas modernos da cisão entre o ser humano, a natureza e a técnica. No entanto, a urgência destas questões impõe a necessidade de abordagens disruptivas que, com originalidade e potência narrativa, possam causar deslocamentos no campo conceitual e no imaginário relacionado às relações entre técnica, natureza e humano. Não apenas por envolver seres vivos, inteligência artificial e redes sociais digitais, mas também, ao pensar a obra de arte como uma construção realizada a partir da colaboração entre entidades humanas, não-humanas, biológicas e artificiais, a pesquisa que vem sendo realizada leva a frente este projeto e desenvolve uma série de outras experimentações que buscam apontar para uma prática artística pós-antropocêntrica que serão discutidas em outros momentos e encontros.

Referências

ARENDT, Hannah. A Condição Humana. 10º ed. Ed. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2000.

BRATTON, Benjamin H. *The Stack*: On Software and Sovereignty. Cambridge: MIT Press Limited, 2016.

DANOWSKI, Déborah e Viveiros de Castro, Eduardo. *Há um mundo por vir?* Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Desterro, 2014.

FLUSSER, Vilém. *O universo das imagens técnicas*: elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*: ensaio de Antropologia simétrica. (Trad. Carlos Irineu da Costa) Rio de Janeiro: Ed.34, 1991.

HARMAN, Grahan. Immaterialism: Objects and Social Theory. Cambridge: Polity, 2016.

MOORE, Jason W.. *Capitalism in the web of life*: ecology and the accumulation of capital. Londres e Nova Iorque: Editora Verso, 2015.

HARAWAY, Donna. *When Species Meet*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2008.

HÖRL Erick. *From the Anthropocene to the Neo-Cybernetic Underground*. A conversation with Erich Hörl. Entrevista de Paul Feigelfeld. #60, 2014.

SHAVIRO, Steven. Discognition. Londres: Repeater, 2016.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas canibais*: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

[ii] *Culturas Degenerativas* foi premiado na categoria Inteligência Artificial do Lumen Prize 2018.